

RELATO DE EXPERIÊNCIA DOCENTE

QUANDO A AULA DE SOCIOLOGIA NÃO É NA ESCOLA: algumas reflexões a partir de uma ida a campo

Amurabi Oliveira¹

Resumo: Neste trabalho pretendo realizar um breve relato envolvendo uma experiência pedagógica no Ensino de Sociologia no Ensino Médio, desenvolvido na rede profissional e tecnológica no ano de 2009. Refere-se ao desenvolvimento de uma ida a campo ao cemitério da cidade, articulada à discussão sobre desigualdades e estratificação social.

Palavras-Chaves: Ensino de Sociologia. Ida a Campo. Desigualdades e Estratificação Social.

Abstract: In this article I intend to conduct a brief account involving an educational experience in Teaching Sociology in High School, developed in vocational and technological network in 2009. It refers to the development of field work to the town cemetery, articulated the discussion on inequality and social stratification.

Key Words: Teaching Sociology. Fieldwork. Inequality and Social Stratification.

Introdução

A experiência docente que irei narrar brevemente foi uma das mais frutíferas que tive como professor de Sociologia no Ensino Médio, e já tive a oportunidade de fazer referência a ela em algumas palestras que proferi já como professor do Ensino Superior, e tenho continuamente falado sobre ela nos encontros de orientação/aulas de Estágio Supervisionado em Ciências Sociais, pois, certamente, foi uma das experiências que mais marcaram minha carreira docente. Para uma melhor compreensão faz-se necessário tanto me situar, quanto a escola e região onde se desenvolveu esta aula de Sociologia.

¹ Doutor em Sociologia (UFPE), Professor da Universidade Federal de Alagoas.

Eu me graduei em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Campina Grande, no segundo semestre de 2006, tendo optado pela licenciatura, que aparentemente não apresentava perspectivas muito interessantes no momento que ingressei no curso (2003), dada a inexistência da Sociologia no currículo escolar da Paraíba, todavia, no meu último ano de curso foi publicado o parecer CNE/CEB nº 38/06, que colocava a obrigatoriedade da Sociologia no Ensino Médio. A esta altura, como minha meta era ser professor da Educação Básica, eu já havia me engajado nos espaços da universidade que no meu entender poderiam contribuir para chegar nessa meta, o que se deu por meio da monitoria de Introdução à Sociologia e de Teoria Sociológica Clássica, e da participação em um projeto de extensão intitulado “Pré-Vestibular Solidário”, que se voltava para alunos da rede pública de Ensino, no qual lecionei Geografia e História.

Quando finalizei minha graduação ingressei no Mestrado em Ciências Sociais na mesma universidade em 2007, e posteriormente me tornei professor substituto de Sociologia da Universidade Estadual da Paraíba no primeiro semestre de 2008, e no final desse mesmo semestre fui aprovado como professor efetivo de Sociologia no então CEFET Petrolina, que se tornaria ainda naquele ano o Instituto Federal do Sertão Pernambucano, obviamente que a abertura desse concurso, o primeiro que a instituição fazia nessa área desde os anos de 1990, se relacionava com a lei nº 11.684/08, que tornava obrigatório o Ensino de Sociologia em todas as séries do Ensino Médio. E foi quando passei a lecionar Sociologia para o nível médio que me dei conta dos limites impostos pela minha formação inicial, e que, apesar de toda a bagagem teórica que recebi, tanto na graduação quanto no mestrado, a falta de uma reflexão mais efetiva em torno da docência da Sociologia na Educação Básica fez com que eu tivesse que tatear o meu próprio caminho. Nesse momento os livros didáticos se mostraram grandes aliados, para que eu pudesse entender melhor a transformação do conhecimento científico, no sentido estrito, em conhecimento escolar, ainda que sempre tivesse o cuidado de pensá-los como ferramentas auxiliares, que só fariam sentido ante a leitura de outros materiais provenientes da ciência de referência, além do mais tive a sorte de não ser o único professor de Sociologia do campus, e pude contar com a parceria do professor Esmeraldo. Participei da comissão de reformulação curricular do campus, garantindo que a Sociologia, assim com a Filosofia, tivessem duas aulas semanais nos três primeiros anos.

Certamente minha experiência anterior como professor de História e Geografia, o que incluiu a passagem por alguns cursinhos em minha cidade natal, também confluiu para que eu pudesse achar o meu caminho. No ano seguinte, em 2009, iniciei o meu doutorado em Sociologia na Universidade Federal de Pernambuco, em Recife, e também a trabalhar no campus de Floresta,

uma cidade que na época contava com um pouco menos de 30 mil habitantes, cravada no meio do sertão pernambucano, passando a ser o único graduado em Ciências Sociais da região.

Minha Experiência Docente em Floresta

Leccionar no Instituto Federal tinha suas peculiaridades, como o fato de atuar tanto no Ensino Superior quanto no Médio, e deste último ser integrado à Educação Profissional e Tecnológica, o que implicava, em princípio, numa posição marginal que as humanidades ocupavam em geral, e a Sociologia em particular (OLIVEIRA, 2010a), dada sua inserção efetiva recente². Porém, compreendo, assim como Santos (2006), que conhecimento científico-natural é científico-social, por ser produzido em sociedade e para a sociedade, de tal modo que passei a refletir sistematicamente sobre o lugar da Sociologia na rede profissional e tecnológica principalmente a partir da categoria de reflexividade desenvolvida por Giddens (1991), entendendo a Sociologia como uma ciência essencialmente reflexiva (OLIVEIRA, 2010b), e, portanto, fundamental para a formação profissional e tecnológica no mundo contemporâneo.

Minha experiência em 2008 no Instituto havia sido no PROEJA, voltado para Jovens e Adultos, portanto, esse em 2009 seria o primeiro momento que lecionaria para adolescentes em idade regular no Ensino Médio. No caso de Floresta é importante frisar que a chegada do Instituto Federal era algo completamente novo em seu cenário educacional, dado que havia apenas mais duas escolas com Ensino Médio na cidade, uma particular que só ofertava até o primeiro ano, e uma estadual que ofertava todas as turmas. O Instituto tinha a particularidade de contar em seus quadros com professores bem qualificados, muitos com pós-graduação, e com relação a algumas áreas eram os primeiros na região com a devida habilitação, como no caso da Física, Química, e também Sociologia.

Pois bem, eu tinha inicialmente três turmas de primeiro ano de Sociologia, pesava o fato de que não havia livro didático, tendo que contar com xerox de um material que eu mesmo preparava, no qual eu tentava articular os conceitos, teorias e temas, assim como apregoava as Orientações Curriculares Nacionais de Sociologia (BRASIL, 2006), e por meio desses materiais, em articulação com as vivências em sala de aula, tentava suscitar questões que os levassem a refletir, por exemplo: como Durkheim explicaria o fato de todos eles terem um perfil no *orkut*? Ou, por que as meninas da sala tinham cadernos tão parecidos? Era uma coincidência? Uma escolha individual? Ou havia algo

² Vale a pena destacar que antes da obrigatoriedade em 2008 a Sociologia se fazia regularmente na rede de Educação Profissional e Tecnológica, porém, geralmente, apenas em uma das séries.

de social nisso? A ideia é que se pudesse de algum modo, construir um *habitus* sociológico entre esses alunos (HAMLIN, 2009), ainda que não se trate, em absoluto, da formação de cientistas sociais.

Como nesse mesmo período eu estava cursando as disciplinas do doutorado ficava ainda mais explícito para a mim a complexidade que envolvia o tratamento do conhecimento sociológico nas diversidades modalidades de ensino, a recontextualização do saber científico na forma de disciplina escolar. Hoje como professor que leciona para alunos de mestrado e doutorado posso afirmar que lecionar no Ensino Médio, ao menos para mim, é algo ainda mais complexo, dada a transposição didática necessária.

O que se tornava patente para mim era a necessidade de se trabalhar com outras possibilidades metodológicas, para além daquelas mais recorrentes, como aulas expositivas, seminários, vídeos, músicas etc. Porém havia um limite claro: as poucas opções que a cidade oferecia, afinal, tratava-se de um local pequeno, desprovido de cinemas, museus, ou outros espaços que tradicionalmente são pensados como *locus* privilegiado para o desenvolvimento de aulas de campo.

Como minha formação nas Ciências Sociais esteve sempre ligada à pesquisa de campo, o que se fortaleceu ainda mais com meu ingresso na pós-graduação, senti a necessidade de pensar algo que pudesse ultrapassar os limites da sala de aula, em termos físicos, mas também metafóricos. A oportunidade de realizar tal intento viria com a unidade temática na qual eu trabalharia com desigualdades e estratificação social, ainda que as leituras, as aulas, e a utilização de imagens se mostrassem como ferramentas importantes, senti o impulso de pensar uma aula de campo para aquela temática, porém ainda me vinha em mente como substanciar isso na cidade onde eu estava.

Estratificação Social, Morte e Cemitério: uma ida a campo

A partir de minhas inquietações comecei a pensar em locais nos quais a questão da desigualdade pudesse saltar aos olhos, ou seja, que materializasse o que vínhamos discutindo em sala de aula, e em meio a minhas caminhadas pela cidade esbarrei com um local que até então eu não havia pensado como espaço de aprendizagem: o cemitério da cidade. Essa ideia me remeteu, inevitavelmente, à obra que Gilberto Freyre (1900-1987) não chegou a escrever: “Jazigos & Covas Rasas” (PALLARES-BURKE, BURKE, 2009).

Especificamente o cemitério de Floresta era bastante bonito, por assim dizer, com imponentes construções tumulares das famílias tradicionais da cidade. Resolvi então passear um pouco por ele para conhecer melhor esse espaço no qual estava pensando em desenvolver uma aula, e de fato, era um local fantástico, no qual se poderiam perceber múltiplas questões, como o patrimônio cultural, as transformações no tempo, além, é claro, do meu foco principal: a estratificação social.

Considero fundamental as preocupações lançadas pelas OCN, assinalando como princípios da Sociologia o estranhamento e a desnaturalização da realidade social, pois, de fato, era isso que pretendia. Aquele local pelo qual muitos passavam diariamente era percebido apenas como um espaço elaborado a partir de um fenômeno social: a morte, porém, a ideia seria desvelar as relações sociais que estão envolvidas na existência do cemitério.

Como se tratava de uma experiência nova para mim e para eles as discussões teóricas sobre estratificação não eram suficientes para realizar uma preparação para essa ida a campo, ainda que o acesso a essas informações fossem condição *sine qua non*, pois, elas forneceriam as lentes para enxergar aquela realidade, realizando uma verdadeira “ruptura epistemológica” (BOURDIEU, CHAMBOREDON, PASSERON, 2004). Eles precisavam compreender os objetivos que eu possuía com aquela atividade, que quando anunciada foi recebida com espanto – alguns disseram que não iriam para o cemitério nem mortos –, bem como a forma de proceder, pois, afinal o que era uma ida a campo? Mais que isso, dado que a avaliação seria realizada por meio de um relatório produzido pelo estudante ao final seria necessário que eles fossem introduzidos a uma discussão sobre como elaborar um.

Nesta direção é importante afirmar aqui mais uma vez minha confluência com o que é apregoado nas OCN, por compreender que a pesquisa deve ser entendida como um princípio pedagógico para o Ensino de Sociologia na Educação Básica, ainda que, por razões óbvias, haja um outro grau de complexidade envolvido, era uma iniciação à pesquisa, por assim dizer.

Explicar o que era uma pesquisa de campo, assim como seus procedimentos, implicou em um efeito positivo não esperado por mim, pois, com o levantamento dessas questões ficou mais claro para os alunos algo que os inquietava: afinal, qual a prática da Sociologia? Essa dúvida eles ainda não haviam externalizado, e eu, com todas as minhas limitações, havia naturalizado a questão, portanto, essa prática pedagógica implicou também na aprendizagem de outras questões que não estavam explicitamente postas nos seus objetivos.

O outro passo seria explicar o que seria a produção de um relatório científico, nesse caso em especial o fato de estar na rede tecnológica colaborou enormemente, pois, eles já haviam trabalhado com relatórios em outras disciplinas técnicas, ainda que, houvesse a necessidade de contextualizar esse tipo de produto no caso das ciências humanas.

De minha parte, e creio que esse é o caso da maioria dos recém egressos das licenciaturas em Ciências Sociais, a maior dificuldade era desnaturalizar os procedimentos metodológicos já internalizados, e reconhecer que afirmações como “teremos uma aula de campo”, ou, “será pedido

um relatório ao final” não soam óbvias para os alunos do Ensino Médio. Era preciso, além de trabalhar os conteúdos, desenvolver uma reflexão sobre o fazer sociológico.

A ida ao cemitério também implicava em mais instruções, que se referia ao processo contínuo de anotação, observação etc. Pudemos observar, por exemplo, que na “rua” principal concentravam-se as formações tumulares imponentes, das famílias tradicionais da cidade, com vários andares, e bastante amplos, de modo a caber famílias numerosas, por outro lado, na “periferia” do cemitério, cujos caminhos para os túmulos eram feitos por passagens estreitas, onde havia apenas as “covas rasas”, quando muito, possuíam algum vaso de flores, e uma cruz de madeira. Obviamente que para além das observações no cemitério ocorreu uma verdadeira aula à céu aberto.

Os alunos puderam perceber, empiricamente, que o cemitério não era fruto meramente de um fenômeno biológico, mas que havia sim uma intensa elaboração, que refletia a realidade de uma sociedade estratificada marcada pelas desigualdades sociais. Para além da estratificação também chamou a atenção a distinção entre a parte mais antiga e a mais nova do cemitério, nesta os túmulos eram menores, o que refletia as mudanças na estrutura familiar.

Era visível o espanto dos alunos ante ao fato de perceberem sua própria realidade a partir de um outro ponto vista, até então inexplorado por eles, ainda mais por um espaço assumido quase como um “tabu”. Penso que, para além das questões metodológicas, essa experiência se mostra feliz ao problematizar nossas possibilidades enquanto docentes ante aos limites estruturais que encontramos, especialmente no caso dos professores que atuam nas pequenas cidades brasileiras.

E para além da aprendizagem dos conteúdos, no sentido mais estrito, senti-me profundamente contente com o despertar da curiosidade dos meus alunos pela Sociologia, e pela compreensão mais ampla que eles tiveram sobre “o que a Sociologia faz”, nesse sentido, penso que a prática da pesquisa é por excelência uma prática pedagógica que ensina muito mais do que o professor pensa sobre a Sociologia.

Na elaboração dos relatórios finais alguns alunos encontraram dificuldades, principalmente por estarem já acostumados com os relatórios das disciplinas técnicas, de modo que alguns transpuseram mecanicamente o modelo de uma realidade para outra, certamente aqueles que lecionam nas escolas regulares encontrariam outros desafios. Outra dificuldade encontrada por muitos alunos foi a utilização dos conteúdos trabalhados naquela unidade no relatório, ou seja, os alunos precisavam articular as categorias trabalhadas com a realidade empírica. Porém, de modo geral os resultados se mostraram satisfatórios, havendo claramente uma pulsante curiosidade intelectual, que foi acompanhada também por uma pesquisa sobre o cemitério da cidade.

Esse breve relato longe de almejar se cristalizar como uma fórmula, ou mesmo um modelo acabado de aula, intenta apresentar uma experiência que ao meu ver foi exitosa, não apenas ao tratar da estratificação social, mas na busca por despertar a curiosidade intelectual dos alunos sobre a Sociologia, e na apresentação de alguns princípios metodológicos.

Considerações Finais

Apesar de não lecionar mais no Ensino Médio, tampouco participar da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica, continuo a acreditar que há uma profunda relevância para o aluno do Ensino Médio “(...) compreender o seu lugar no mundo, o lugar do conhecimento que ele está operacionalizando, e para tal feito certamente a Sociologia possui uma contribuição inestimável.” (OLIVEIRA, 2013, p. 173).

Esta foi de longe uma das experiências que mais me marcou como docente, não à toa tenho feito referência a ela recorrentemente, e sempre recorro como um relato feliz da utilização da pesquisa de campo no Ensino Médio hoje na formação de professores de Ciências Sociais.

De modo análogo ao que Marx coloca, de que o homem ao produzir algo através do trabalho também se produz, eu diria que o professor ao elaborar e desenvolver suas aulas também se produz como docente, no processo interativo com seus alunos, e reconhecendo essa questão gostaria de finalizar esse relato agradecendo aos meus alunos, tanto os de Floresta quanto os demais que tive antes e depois deles que me fizeram e me fazem professor.

Referências

BOURDIEU, Pierre; CHAMBOREDON, Jean-Claude; PASSERON, Jean-Claude. *O Ofício do Sociólogo: metodologia da pesquisa na sociologia*. Petrópolis, Vozes, 2004

BRASIL. *Orientações Curriculares Nacionais: Sociologia*. Brasília: MEC, 2006.

GIDDENS, Anthony. *As Consequências da Modernidade*. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

HAMLIN, Cynthia Lins. Desenvolvendo uma Terceira Cultura nas Escolas: habitus sociológico, estranhamento e desnaturalização de preconceitos. *Tomo*, v. 15, p. 71-82, 2009.

OLIVEIRA, Amurabi. Em que a Sociologia pode contribuir para a Educação Profissional e Tecnológica?. *Holos*, v. 5, n. 29 p. 166-174, 2013.

_____. Para que Serve Sociologia? Itinerários na Rede de Educação Profissional e Tecnológica. *Tecnologia & Cultura*, v. 12, n 17, p. 22-29, 2010a.

_____. *Sociologia do Ensino de Sociologia no Brasil: contribuições a partir de Anthony Giddens*. **Inter-ação**, v. 35, n. 1, p. 53-62, 2010b.

PALLARES-BURKE, Maria Lúcia; BURKE, Peter. *Repensando os Trópicos: um retrato intelectual de Gilberto Freyre*. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Um discurso sobre as ciências*. São Paulo: Cortez, 2006.